

DO PÓ DE ARROZ AO PHOTOSHOP

Maria Elisa Sokoloski¹

Resumo

O presente artigo pretende promover a reflexión sobre o avance tecnolóxico que se produziu socialmente en favor da beleza. Recursos extraídos da natureza inspiran produtos que nacen no espazo cibernético. O uso do software – photoshop, una ferramenta capaz de gerar novos contornos e aperfeiçoar formatos humanos, passa a contribuir con a proliferação do espectáculo em que homem e virtualidade são parceiros na construção de novos corpos e novas identidades. Essa nova postura tecnolóxica promove mudançás de comportamento debido às exigências que a própria tecnologia exerce sobre o homem.

Palavras chave

Corpo; espectáculo; photoshop; produção de identidades.

Abstract

This article aims at promoting considerations on the technological advance that has been socially introduced in favor of beauty. The resources drawn from nature inspire products that originate from cyberspace. The use of the Photoshop software – a tool capable of generating new contours and of enhancing the human shape, starts to contribute to the proliferation of the spectacle, in which man and virtuality are partners for the construction of new bodies and new identities. This new technological posture promotes behavioral changes due to the demands that technology itself imposes on man.

Keywords

Body; spectacle; Photoshop; production of identities

Se dizemos pois, que o corpo a cada momento exprime a existência, é no sentido de que a fala exprime o pensamento
Merleau-Ponty

Considerações iniciais

O culto ao corpo magro e feliz como determinante dos comportamentos da atualidade permitem pensar numa nova estética humana. Tal comportamento reflete uma nova subjetividade, característica de uma época em que não mais o corpo obeso aparece como registro no modelo das artes e sim um novo contorno corporal assume a supremacia das relações de poder.

Há uma relação direta entre esse corpo e a mídia na constituição que estimula a produção e o formato de novos corpos e configura os padrões de beleza contemporânea.

Paula Sibília *apud* Araújo (2006) usa o termo “pureza” para se referir à busca desses novos corpos ou novos formatos. Para ela, esse processo não é o desejo de atingir reconhecimento público comparado àquele da polis grega nem ao menos uma aliança com Deus, mas sim o de atender aos valores mercadológicos presentes na atualidade.

Esse movimento vem determinado pelo desejo do homem de se manter belo, o que perpassa gerações e épocas históricas. A consciência defensiva da finitude da vida, presente na racionalidade humana, apresenta-se velada por um sentimento compulsivo de medidas inexplicáveis ou até mesmo invasivas, todas essas baseadas no amedrontador medo do fim.

Essa consciência inadmitida do “fim” concorda com os comportamentos mutantes nas idéias do homem em busca de soluções consideradas paliativas diante do fenômeno da morte. Assim, ele assume um papel enigmático, protagonista do imaginário humano, e passa a determinar a busca desenfreada de caminhos que o afastem do cenário da realidade.

O homem vive essa ansiedade da finitude refletida na conduta apelativa, inconsciente talvez, num palco de espetáculos onde a manutenção da beleza como confirmação da vida mapeia o drama constante.

Há muito a história reflete certas mudanças diante dessa demanda social. Novos comportamentos são assumidos e direcionam atitudes de acordo com a determinação da crítica, da sociedade do belo, daquilo que é tido como perfeito e do aprovado pelo olhar estético. Isso interfere na imagem que o homem tem de si mesmo e promove uma adaptação do corpo diante do sentimento de pertencimento à sociedade.

Percebe-se assim o movimento com o avanço imposto pela tecnologia na necessidade de adaptação e inclusão no mundo das mudanças. Caso contrário, confirma-se a alienação à linguagem do mundo, que não é mais a mesma daquela dos tempos de outrora, somente da linguagem falada. Ao não participar dessas mudanças promovidas pela sociedade e cultura, perde-se o referencial de identidade e subjetivamente gera-se um sentimento de exclusão. Esses movimentos sociais promovem atitudes que adornam o espetáculo em que todos, sem distinção definida - social, econômica, cultural ou do próprio credo aderem ao espetáculo, já que as palavras de ordem garantem a sobrevivência e integridade da identidade individual.

A tecnologia e a beleza

Dessa forma, o homem desenvolve os recursos tecnológicos e nele projeta sua capacidade criadora e contemporânea, imbuído do desejo de manter-se belo e combater os anseios e dúvidas sobre a certeza de um corpo finito.

“O homem soube inventar máquinas que trabalham, deslocam-se, pensam melhor do que ele, ou em lugar dele. Nunca inventou uma que pudesse gozar ou sofrer em seu lugar. Nem mesmo que possa jogar melhor do que ele...” (Baudrillard, 1997: 138)

Fala-se de determinantes sociais numa sociedade que é competitiva e dita normas e regras. Essas regras extrapolam o campo da moralidade e entram no campo da imagem. Regra da imagem? Isso mesmo! Da imagem que deve ser imposta pela própria consciência ou pela consciência coletiva, imagem que se valoriza a partir dos aplausos que recebe. Diante dessa atitude social, o homem, dotado de criatividade e ousadia, com

apoyo fiel do avanço tecnológico, faz uso dessa tecnologia e cria, então, recursos mirabolantes para que possa fazer parte desse espetáculo social. Delineia-se o corpo com o uso da “inteligência artificial” produzida pela máquina numa nova era, a da *mão virtual* que busca a satisfação pela estética.

O arquétipo do magro feliz, da pele da cor da pureza, concorda com o belo que não é impuro, o belo virtual.

Agora a mão humana passa também a recriar o homem, não mais dependendo da mão divina para a criação. Criados, divinamente, “somos o que somos”, ou melhor, “o que éramos” porque a máquina recria com seus poderes surpreendentes. “Há de resto uma estranha coincidência entre esse estado infantil anterior ao princípio de realidade e o universo da realidade virtual, nosso universo midiático adulto, posterior ao princípio de realidade, onde o real e o virtual se confundem.” (Baudrillard, 1997: 67)

Da natureza - o pó de arroz

Aí o homem inventa ou descobre recursos. Começa pela descoberta de um pó, que vem do alimento da própria natureza, o *arroz*, cuja matéria prima traz a ilusória fonte da juventude. Camufla marcas, disfarça, embeleza e agrada a quem dele se apropria ao satisfazer o olhar social.

Já “em 1906 a “Shiseido” lança no mercado japonês dois tipos de pó de arroz que quebraram a tradição dos pós brancos”. (Vita, 2008: 96)

Esse recurso com função de “disfarce” vem a serviço da beleza para esconder idades e garantir a satisfação do desejo do belo. É a cosmetologia colocada na vitrine social.

Para a época, início do século XX, essa descoberta quase miraculosa aguça a curiosidade humana na batalha pela garantia da beleza que nos coloca à altura daquela do modelo hollywoodiano. Todos querem fazer parte desse espetáculo teatralizado em que a norma é a beleza socializada.

E esse pó de arroz promove novas conquistas no mercado da beleza. Os avanços da mistura da natureza com a química são incontáveis. Paralelamente, a tecnologia também

avança na roupagem da máquina que vem criada pela dupla: inteligência e mão humana. Até então a tecnologia criava recursos para o campo, para a produção do alimento, visando sempre meios facilitadores à colheita, ao alimento animal, ao abrigo, o que durante muito tempo estava no palco das descobertas.

Surgem, então, as técnicas cirúrgicas que trazem a esperança da cura. Novamente em cena o combate à finitude. O *bisturi* destrona instrumentos mais arcaicos e a mão mágica do cirurgião faz milagres possíveis à capacidade humana em prol da saúde. E a tecnologia no ramo médico surpreende e conquista uma credibilidade indistinta.

Esse mesmo bisturi, que visa a cura das mais diversas moléstias transforma-se como um pincel na mão do artista também a favor da beleza. Nasce as cirurgias plásticas e os aplausos agora são para o cirurgião da beleza. Ou será o “cirurgião cosmetólogo”? E tudo dança junto no espetáculo da vida e na busca pelo belo e na aprovação da sociedade, na aparência reforçada pelo imaginário individual, complexo, mas, também coletivo.

Forma-se um complexo de projeções, identificações e transferências que determina a vida imaginária composta de desejos, medos, aspirações e necessidades. Esse mundo colorido, transformado ou duplicado pelos poderes projetivos é experimentado subjetivamente. Surge um novo aliado à técnica e ao desejo implícito humano pela mutação da aparência.

O bisturi virtual

Pouco a pouco, familiarizados com seus incansáveis recursos desenvolvem-se novas ferramentas, todas nesse mundo virtual em que o movimento das mãos torna possível a realização de desejos. Agora, muitas ferramentas que trabalhavam a terra aprimoraram-se para a prática em outros campos de ação. Com o aprimoramento minucioso passam a esculpir corpos humanos, apresentando funções semelhantes àquelas que manipulam a natureza.

Um novo olhar, o olhar da tecnologia virtual, se apresenta e insere o homem no mundo de progressos tecnológicos ao alcance de todo e qualquer sujeito. Surge o “cidadão monitor” (Jenkins, 2006: 289) das descobertas mais ousadas da tecnologia. Entra-se

numa nova era, a da imaxe virtual. A linguaxe pasa a ser a do computador, da informática, con novidades desenfreadas. Aquela tecnoloxía que pertencía aos grandes departamentos bancarios se aprimora e se presenta ao público garantindo un estranho encantamento pola convincente serventía. Presenta-se un novo momento histórico que vem determinar un inesperado comportamento cultural. “As novas tecnoloxías parecen caminhar para unha forma de onipresenza, misturando-se de maneira radical e quase imperceptível ao noso ambiente cultural através do devir micro (tornar-se invisível) e do devir estético (tornar-se belo)”. (Lemos, 2004: 17)

O bisturi, que era o responsábel-mor por mudanzas físicas e traballava a aparencia, dando novas formas a un rosto para voltar a ser un objeto de desejo, traballava a carne de un corpo doentio ou aprimorava a estética, agora inspira o “bisturi virtual”.

“Estranhos poderes”² de transformar os contornos, maquiar, devolver musculaturas roubadas polo tempo, bronzear a pele, apagar as rugas, tingir cabelos, alongar traços ou recrear sorrisos. Tudo dotado de un poder de transformación. Parece mágica, mas non, é técnica criada polo e para o home. Técnica de dar unha nova roupagem, num mundo imaginario, num mundo de ilusões, tudo a favor da posíbel felicidade e sensación de inmortalidade.

Surge entón o *Photoshop*! Esse mágico “doutor”, sem diploma de papel, mas que rouba a cena em favor do imaginario humano. Dá cores e constrói contornos, produzindo un encantamento visual e, talvez, distanciando o home da razón. Sai a frieza do bisturi para dar espazo ao calor da imaxe, da imaxe fabricada, ao alcance das competentes mãos que conducen os prazeres da tecnoloxía tátil virtual.

O poder da digitalización rouba a cena do bisturi e compete com o mercado da venda das imaxes. É nas mãos humanas guiando esse “bisturi do software” (Sibilia, 2006: 281) que são mostrados os resultados nas telas do computador.

A ditadura do corpo perfeito pasa a ser mostrada na linguaxe desses softwares, recursos contemporáneos que modelam corpos femininos e masculinos em favor da mídia, um produto de mercado. Entra a era do corpo digitalizado. Corpos e rostos que seduzem, esculpidos com o cuidado da máquina inteligente. Na condução da mão

humana o *Photoshop* obedece aos comandos para essa recriação de imagens, trabalhando cada detalhe e determinando a perfeição segundo o critério humano.

Qualquer mínima imperfeição estética recebe da máquina o poder da correção. Resgatam-se ilusoriamente as linhas retas perdidas pelo tempo.

O cuidado de si passa a ser a construção de si. Constrói-se uma nova identidade, mesmo imaginária, capaz de romper com a dor do bisturi e das possíveis alergias que a cosmética pode provocar. Essa construção permite ser ou ter a imagem desejada transformada num meio facilitador ao pertencimento do espetáculo social. Aproximar-se do desejo alheio de admirar o belo e garantir a auto-estima pode provocar aplausos graças ao recurso fantástico do poder do *Photoshop*, software que tem função de edição de imagens digitais, do tipo “bitmap”.

O *Photoshop* vem a serviço do homem e concilia corpo e mídia. Seu produto final está presente nas campanhas políticas, nas telenovelas, no cinema, nas revistas e em qualquer outro instrumento midiático que trabalha com a imagem corporal e objetiva atrair e causar impactos. Benjamin *apud* Jenkins (2006) afirma que a capacidade de produzir e circular imagens em massa causaria um impacto democrático profundo.

Presume-se, então, que essa nova técnica dilui o privado e mistura-se com o público, porque unifica o homem. No poder virtual que é indistinto, onde a imagem fica democratizada e também instituída como a resposta aos desejos intrínsecos desse homem, que segue em frente na busca ilusória do controle da vida e impedimento da finitude.

Esse mundo virtual tem a disponibilidade da imagem que foge das mãos controladas do produtor e passa a ser de domínio público, e cada um se apropria dela e a utiliza conforme seu interesse, garantindo a satisfação do imaginário. Para (MARTINS, 2001: 259) “a técnica possibilita a criação e a potencialização de discursos, faz circular imaginários a serem interpretados. Tais discursos evitam a obscuridade, onde seria possível encontrar diferentes graus de realidade, apreendidos de um mundo que tem algo a dizer para alguém”. Como é o homem que cria a tecnologia e desenvolve a técnica passa a alimentar o imaginário na proporção do seu próprio desejo.

O tempo da servidão voluntária

A serviço da vaidade e da atitude de pertencimento vive-se uma “servidão voluntária”, numa sociedade que institui normas de beleza e que seduz o homem pelas constantes novidades que brotam no mercado. Há na ditadura das imagens uma ditadura irônica que também promove um “gozo estético perverso” (Baudrillard, 1991: 153)

A partir de então surgem os novos estereótipos. Esses clichês, que sempre determinaram a ação do homem para garantir o sentimento de poder e que se modificam, porque podem se inovar e criar novas figuras impressionantes, pelo poder da nova ordem tecnológica: a cibercultura, essa cultura virtual, que possibilita um avanço além da realidade analógica e cria uma nova realidade no mundo virtual.

“... a criação artística da Cibercultura coloca em sinergia processos interativos, abertos, coletivos e planetários, problematizando as noções de espaço e de tempo, o lugar do espectador e do autor, os limites do corpo e do humano, as noções de real e de virtual”. (Araújo, 2006: 57)

Pertencente à história da mídia como ferramenta social e como denunciadora do desejo do homem, ajuda a divulgar produtos que agradam esse espectador seduzido ao possibilitar a transformação e promover conquistas.

“Tudo isso fará do século 21 um tempo de nova sensibilidade e pós-modernidade” (Lipovetsky apud Martins e Silva, 2004: 42). Corpo e sedução juntos ocupam um espaço considerável e lucrativo na batalha mercadológica.

Deleuze (in Sibilia, 2008) denomina de regime apoiado nas tecnologias eletrônicas e digitais essa organização social caracterizada pela produção excessiva e “consumo exacerbado” do sistema manipulado pelo marketing e a publicidade. Esse pensamento concorda com o posicionamento de Lipovetsky ao considerar a mídia dotada de “capacidades emancipadoras” (apud Martins e Silva, 2004) porque ela colabora com o desenvolvimento crítico perante as mudanças sociais e posiciona o homem como coparticipante da sociedade.

Considerações Finais

Todos esses, o pó de arroz, o bisturi ou o *Photoshop* traduzem nos seus poderes a resposta às necessidades e angústias combinadas com os avanços das descobertas pela inteligência e ousadia humana. Tudo com o intuito do benefício da felicidade e da aquisição do poder. Imaginação e construção de identidades trabalhando juntas para o bem comum. Assim como a apropriação de um novo contorno corporal traria, na produção imaginária do sujeito, uma “aprovação” que se espera da sociedade num estímulo à autoestima.

Uma nova ordem se estabelece e se intensifica com a aprovação humana, tudo determinado por uma nova subjetividade. Tal subjetividade, que reflete o modo de ser e estar no mundo, nos qualifica como seres de contornos “elásticos” (Sibília, 2008) originários de novos ditames históricos e culturais. Estas, desenvolvem ou recriam identidades na paisagem de novos corpos, não mais resultantes da responsabilidade de um tempo cronológico, mas sim de um tempo tecnológico das descobertas que fabricam corpos.

Esses corpos “híbridos”, construídos pela habilidade da máquina, traduzem a transformação automatizada e virtualizada dos poderes da tela e da mão humana em prol do desejo infinito de impedimento à finitude do homem. Todos esses corpos, indistintamente identificáveis, permitem-se participar desse espetáculo onde o ator principal é o próprio eu visto na tela e transformado pelas mãos cibernéticas. Uma transformação que parece satisfatória provocada por uma sensação de “modelos de simulação efêmera” (Baudrillard, 1997: 61) que também não lhes garante a imortalidade, mas contribui para a sensação, mesmo ilusória e virtualizada, do impedimento do fim no mundo dos mortais.

Referências

- Baudrillard, Jean. (1997) *TELA TOTAL – mitos ironias da era do virtual e da imagem*; Porto Alegre, Sulina.
- Baudrillard, Jean. (1991) *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio d' Água.
- Baudrillard, Jean. (1997) *O sistema dos objetos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª edição.
- Jenkis, H. (2006) *Fans, bloggers and gamers*. Exploring participatory culture. NY: New York University Press.
- Lévy, P. (1999) *Cibercultura*. (tradução de Carlos Irineu da Costa) São Paulo: Editora 34.
- Martins, Francisco Menezes e Machado Da Silva, Juremir (orgs). (2001) *A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- McLuhan, M. (2001) *Os Meios de Comunicação como extensões do homem*. (tradução de Decio Pignatari) São Paulo: Cultrix.
- Pena- Veja, A.; Almeida, C. e Petraglia, I. (orgs). (2001) *Edgar Morin: Ética Cultura e Educação*. São Paulo: Cortez.
- Sibilia, P. (2008) *O Show do eu – a Intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Vita, A. C. R. (2008) *História da Maquiagem, da cosmética e do penteado*. São Paulo: Anhembi Morumbi.

¹ Estudante del curso de Master en Comunicación y Lenguaje de la Universidade Tuiuti do Paraná (UTP); Profesora de Lengua estrangeira moderna – Frances; Profesora de Psicologia en los cursos de Licenciatura de la Universidade Tuiuti do Paraná. Correo electrónico: mes.elisa@bol.com.br

² Termo usado pela autora para atribuir ao recurso tecnológico poderes que talvez não sejam bem definidos pelos sujeitos, na medida em que causam certa estranheza por estarem no campo da virtualidade.